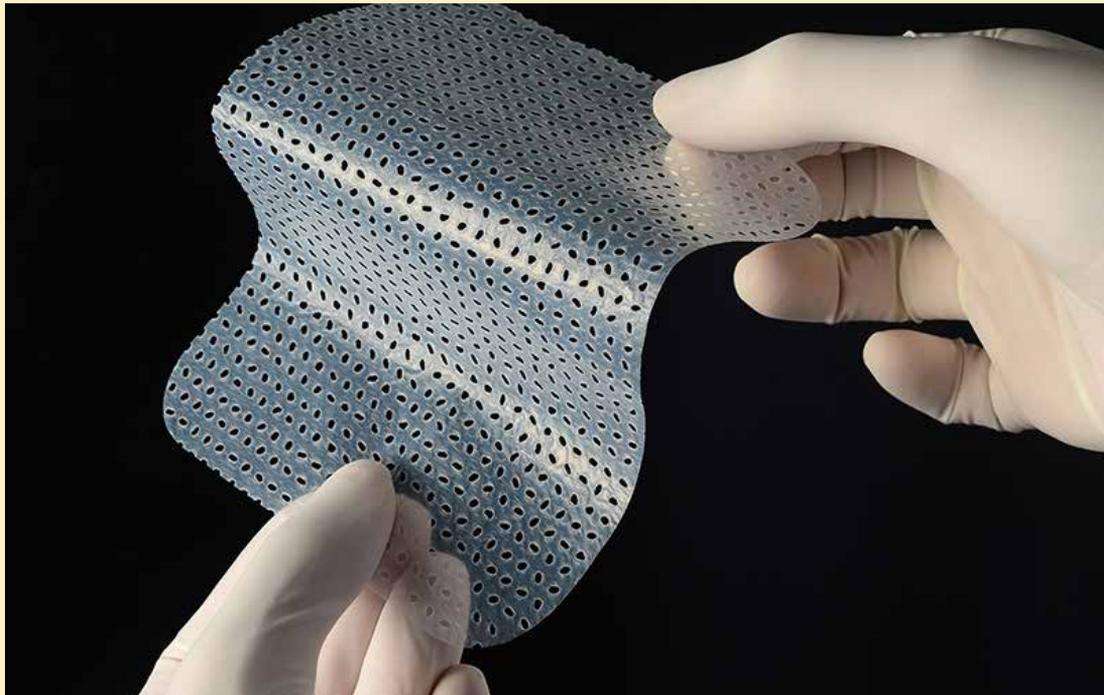


## Paciente cura ferida crônica com uso de membrana de celulose superior à pele de tilápia

Produto já tem liberação da Anvisa e regenera a pele em tempo recorde, além de eliminar a dor

Imagem: Membracel regenera a pele e diminui a dor / Divulgação



Após uma necrose intestinal, Débora Karine Balestra dos Reis Oliveira, de 39 anos, desenvolveu uma ferida profunda, resultado de quase seis meses na cama do hospital. A escara, ou lesão por pressão, ficou aberta por três anos em um tratamento que envolveu diversas tentativas de medicamentos. Até que Débora conheceu a membrana de celulose desenvolvida por uma empresa brasileira. Chamada de Membracel, a membrana promove a regeneração da pele em tempo recorde.

“Fiz todo tipo de tratamento e somente a membrana conseguiu fechar a ferida. Tive uma escara de lesão por pressão no nível mais avançado, chegando a deixar exposto o osso do cóccix e me causando muita dor. Além de cicatrizar, a membrana ajudou no controle da dor”, conta Débora. Após um curto tempo utilizando a membrana, a cura veio e a ferida fechou.

A membrana de celulose cristalina tem efeito parecido com o da pele de tilápia, com a vantagem de ter a certificação da Anvisa e, inclusive, FDA (liberação internacional). Além disso, já está disponível no mercado e em vários hospitais do Sistema Único de Saúde (SUS). Conhecido como Membracel, o produto tem tec-

Imagem: Produtos da Vuelo Pharma, responsável pela membrana de celulose / Divulgação



nologia 100% nacional, desenvolvida pela indústria paranaense Vuelo Pharma. Ele é capaz de substituir temporariamente a pele, além de isolar as terminações nervosas, diminuindo a dor e acelerando o processo cicatricial.

Em 2020 a membrana se popularizou ainda mais, com a utilização por pacientes que sofreram com o novo coronavírus e as lesões causadas por dias seguidos de internamento. “Além das escaras, o produto também auxilia em casos de queimaduras de segundo grau, escoriações e úlceras vasculares. É versátil, multiuso e já está disponível em todo o Brasil”, detalha Thiago Moreschi, sócio diretor da Vuelo.

As feridas crônicas são uma das principais causas de afastamento pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e já atingem cerca de 5 milhões de brasileiros, gerando alto custo de tratamento para a saúde pública. Estudos já realizados no país apontam a alta prevalência e incidência de feridas principalmente em pessoas idosas, muitas vezes comprometendo severamente a qualidade de vida.

São consideradas feridas, ou úlceras, as lesões na pele em que a reparação da integridade anatômica e funcional não acontece em um período de três meses. Além das escaras no caso dos acamados, as principais causas de feridas são a insuficiência venosa e a diabetes, com complicações em 84% dos casos, segundo estudos norte-americanos, o que pode levar até a amputações.

FONTE: Vuelo Pharma

25% dos diabéticos sofrem com feridas no pé que podem causar amputações

25% dos diabéticos sofrem com feridas no pé que podem causar amputações

Imagem: Pé diabético é um dos principais fatores para amputações / Divulgação



O "pé diabético" é uma das principais complicações causadas pelo diabetes não controlado, sendo responsável pela maioria das amputações em pacientes com a doença. Nesses casos, alterações nos pés e nas pernas podem acarretar em feridas de difícil cicatrização, que se não tratadas corretamente podem evoluir ao ponto de causar a perda do membro.

Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde, realizada pelo Ministério da Saúde em parceria com o IBGE, 9 milhões de brasileiros estão com diabetes, o correspondente a mais de 6% da população, e cerca de 25% deles vão desenvolver pelo menos uma úlcera do pé durante a vida.

Apesar de ser uma doença perigosa, muitos pacientes não mantêm o diabetes sob controle ou sequer sabem que têm a enfermidade. Quando mal controlado, o diabetes pode causar deformidades ósseas e alterações anatômicas nos pés e pernas, aumentando os pontos de pressão ao caminhar e causando calosidades que podem vir a se tornar feridas. Além disso, o diabético pode sofrer diminuição do estímulo das glândulas sudoríparas ou sebáceas, o que favorece o ressecamento da pele e pode causar rachaduras. Problemas circulatórios também podem ocasionar lesões de pele devido à morte celular.

Outra consequência importante é a chamada "neuropatia sensitiva", que faz a pessoa perder a sensibilidade do pé, a percepção de onde está pisando ou mesmo de um machucado. Em muitos casos, o diabético machuca o pé e não sente dor. Se não houverem cuidados diários, a lesão pode não ser percebida, evoluindo rapidamente para o estágio crônico e se tornando porta de entrada para infecções e contaminações.

É dentro desses variados cenários que surge o "pé diabético" e o risco de amputação. "Costuma-se dizer, na literatura, que quando a pessoa completa 10 anos do diagnóstico do diabetes é preciso ficar atenta e passar por um controle mais rígido e constante. O paciente pode apresentar sintomas como dores, agulhadas, alterações no formato do pé,

dedos em garra, ressecamento da pele e perda de sensibilidade. Todos esses sintomas merecem atenção”, conta Antônio Rangel, enfermeiro estomaterapeuta e consultor da Vuelo Pharma, indústria farmacêutica que desenvolve produtos altamente tecnológicos, entre eles a Membracel, um curativo especial que acelera a cicatrização da pele.

Segundo o especialista, é importante que o diabético tenha o hábito de cuidar dos pés, verificar as unhas e hidratar a pele, além de usar apenas de meias de algodão e sapatos confortáveis, com solado rígido e material de boa qualidade, para proteger o pé. Se a pessoa já tem as alterações, precisa de um sapato especial que tem uma estrutura especial para o pé diabético.

“O pé diabético é perigoso e pode atingir pacientes de qualquer idade. É pouco comum que ocorra na mesma gravidade nos dois pés, mas pode, sim, atingir os dois membros. Também pode haver manifestações nas mãos, mas é raro”, explica o especialista. O tratamento do pé diabético é complexo e o acompanhamento médico é necessário. Infelizmente, os casos de amputações são comuns, mas os pacientes já encontram no mercado produtos que ajudam na prevenção.

“A Membracel é um curativo à base de celulose, que trata as lesões promovendo uma melhor cicatrização e diminuindo os riscos de infecções. O processo de cicatrização em diabéticos é mais lento e complicado. Esse curativo otimiza a regeneração da pele e ajuda na cicatrização da lesão”, conta Rangel. Para o especialista, o melhor tratamento é o acompanhamento mensal do paciente, com visitas frequentes a um especialista, além do monitoramento diário realizado pelo próprio paciente ou por um familiar. “O diabético precisa olhar o próprio pé todos os dias. Qualquer lesão ou alteração, por menor que seja, deve ser comunicada ao médico ou enfermeiro o mais breve possível”, finaliza.

FONTE: Vuelo Pharma

Imagem: Feridas que o pé diabético causa / Divulgação Vuelo Pharma

